

Sinais de cena 21

APCT | Associação Portuguesa de Críticos de Teatro | Junho de 2014



Sinais de cena 21

Junho de 2014



Sinais de cena

N.º 21, Junho de 2014

Propriedade	APCT (Associação Portuguesa de Críticos de Teatro), em colaboração com o CET (Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa)
Membros co-fundadores da revista	Carlos Porto, Paulo Eduardo Carvalho, Luiz Francisco Rebello
Direcção	Maria Helena Serôdio
Conselho redactorial	Emília Costa, Fernando Matos Oliveira, João Carneiro, Miguel Falcão, Rita Martins, Rui Pina Coelho e Sebastiana Fadda
Conselho consultivo	Christine Zurbach, Georges Banu, Ian Herbert, José Oliveira Barata, Juan António Hormigón, Maria João Brilhante, Michel Vaïs, Nikolai Pesoschinsky
Colaboraram neste número	Ana Campos, Anabela Mendes, Alexandra Moreira da Silva, Christine Zurbach, Constança Carvalho Homem, Emília Costa, Elisabeth C., Eunice Tudela de Azevedo, Joana d'Eça Leal, João Carneiro, Jorge Palinhos, José Gabriel López Antuñano, Luís Mestre, Maria Helena Serôdio, Maria João Brilhante, Paula Caspão, Paula Magalhães, Rita Martins, Rodrigo Francisco, Rui Pina Coelho, Samuel Silva, Sebastiana Fadda, Vera Santos
	Os artigos publicados são da responsabilidade dos seus autores, assim como a opção de seguir o Acordo Ortográfico ou a antiga grafia.
Concepção gráfica	Fuselog - Gabinete de Design, Lda. fuselog@fuselog.com
Direcção, Redacção e Assinaturas	APCT - Associação Portuguesa de Críticos de Teatro Av. Duque de Loulé, 31 1069 - 153 Lisboa www.apcteatro.org CET - Centro de Estudos de Teatro Faculdade de Letras de Lisboa: sala 67 Alameda da Universidade 1600 - 214 Lisboa Tel. Fax: [351] 21 792 00 86 estudos.teatro@fl.ul.pt www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm
Edição	Edições Húmus
Impressão	Papelmunde, SMG, Lda.
Periodicidade	Semestral
Preço	12,00 €
Depósito Legal	216923/04
Tiragem	400 exemplares
ISSN	1646-0715
Apoios	FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR  INSTITUTO CAMÕES PORTUGAL Instituto da Língua Portuguesa

Índice

Editorial

sete	<i>Eppur si muove...</i>	Maria Helena Serôdio
------	--------------------------	----------------------

Dossiê temático

nove	A festa magnífica no Porto para a cerimónia do Prémio da Crítica 2013	Maria Helena Serôdio
treze	O Festival Internacional de Teatro de Almada: Uma organização de diversidade única	João Carneiro
quinze	Um festival movido a pedais	Rodrigo Francisco
dezassete	Ah! Que Beckett este, pelo Teatro Nacional São João!	Maria Helena Serôdio
dezanove	A essência da angustiante e claustrofóbica solidão: <i>Os meus sentimentos</i> , por Mónica Calle	Emília Costa
vinte e um	Um Lear em trânsito entre o Japão e Guimarães	Samuel Silva

Portefólio

vinte e três	Imagens no feminino	Maria João Brilhante
--------------	---------------------	----------------------

Na primeira pessoa

trinta e sete	Tiago Rodrigues Sem truques	Rui Pina Coelho Joana d'Eça Leal
---------------	--------------------------------	-------------------------------------

Em rede

cinquenta e três	Somos todos agentes culturais	Ana Campos
------------------	-------------------------------	------------

Estudos aplicados

cinquenta e cinco	Encenações neste início de século: Criadores e novas tendências	José Gabriel López Antuñano
sessenta e um	Um <i>workshop</i> - Um plano de composição para agir e pensar a partir do "meio"	Paula Caspão
sessenta e sete	Quasiconferência crepuscular sobre <i>Quarteto</i> de Heiner Müller	Anabela Mendes
setenta e dois	Cassandra e o teatro como um estaleiro sem fim Jorge Palinhos	Jorge Palinhos

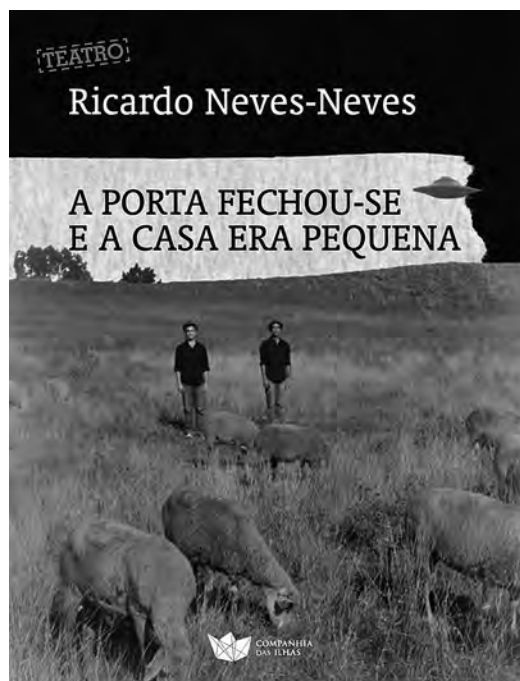
Notícias de fora		
setenta e sete	O novo circo em Edimburgo: Areias movediças? Pecadilhos?	Constança Carvalho Homem
oitenta	<i>L'on y joue, l'on y danse:</i> Quatro datas e um novo Director <i>sur le Pont d'Avignon</i>	Alexandra Moreira da Silva
Passos em volta		
oitenta e cinco	"A maior FITA que o Alentejo já viu"	Eunice Tudela de Azevedo
oitenta e oito	Que tempos estes...	Ana Campos
noventa	<i>Novos Autos da Revolução</i> para sete "criaturas inteiras" de António Lobo Antunes	Christine Zurbach
noventa e quatro	A sublime beleza do eterno perecível	Sebastiana Fadda
noventa e oito	O que é o Ocidente?	Vera Santos
cem	Flecha FATAL	Elisabeth C.
Leituras		
cento e cinco	Uma orquestra de palavras	Emília Costa
cento e sete	Transforma-se o amador na coisa amada...	Maria Helena Serôdio
cento e dez	Três formas diferentes de ler Tiago Rodrigues	Luís Mestre
cento e treze	Uma tragicomédia que dialoga com Samuel Beckett	Maria Helena Serôdio
cento e dezasseis	As metamorfoses da quinta Musa	Rita Martins
cento e dezoito	Publicações de teatro em 2013	Sebastiana Fadda
Arquivo solto		
cento e vinte e um	<i>O processo do rasga:</i> Na senda de um sucesso dos teatros de feira	Paula Magalhães

Uma orquestra de palavras

Emília Costa

É que bater à porta já não se usa. Nos tempos que correm, e sinto-me no dever de dar o exemplo, pelo menos à geração mais nova, nos tempos que correm porta minha não é batida. Porta minha não aceita pancada.

Ricardo Neves-Neves (2013: 12)



Ricardo Neves-Neves, *A porta fechou-se e a casa era pequena*, Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, col. Azulcobalto/teatro, n.º 4, 2013, 59 pp.

Ricardo Neves-Neves, diplomado em Teatro-Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema, fundou, em 2008, o Teatro do Eléctrico, onde tem vindo a desenvolver as suas múltiplas aptidões como dramaturgo, encenador e actor.

Com apenas 28 anos já é autor de uma importante obra dramática, da qual se destacam: *O regresso de Natasha* (2005), *Manual* (2008), *A porta fechou-se e a casa era pequena* (2010), *O solene resgate* (2012) e *Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo* (2012)¹.

A porta fechou-se e a casa era pequena estreou, em Junho de 2010, numa versão curta, na Ribeira, em Lisboa, tendo a versão que constitui o presente livro sido representada, pela primeira vez, em Dezembro de 2010, também na Ribeira. Depois disso teve várias temporadas noutros palcos, em várias zonas do País.

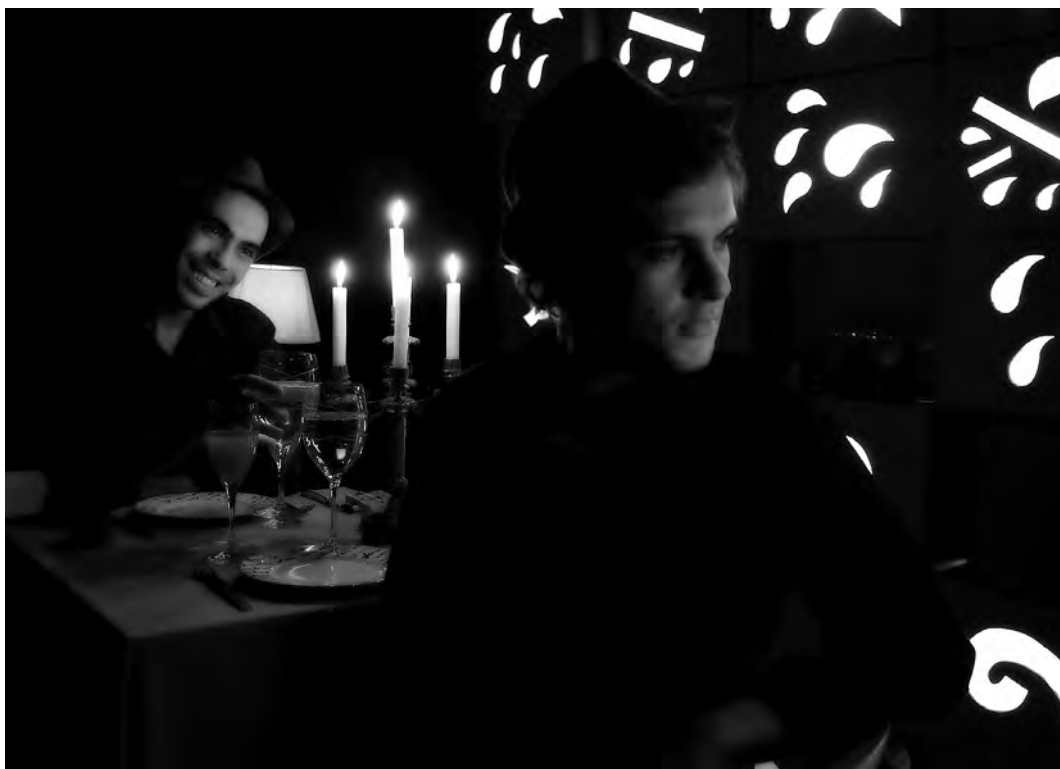
Quem já tenha assistido a algum espectáculo deste multifacetado criador compreenderá que a publicação das suas peças só peca por tardia. Na realidade, e apesar da sua juventude, Ricardo Neves-Neves tem vindo a revelar-se um dos mais promissores dramaturgos/encenadores do panorama teatral português.

Possuidor de um ímpar sentido de humor, em *A porta fechou-se e a casa era pequena*, Ricardo Neves-Neves consegue aliar a sonoridade poética das palavras a uma temática tipicamente portuguesa, convocando o absurdo para um simples acto do quotidiano – a procura de uma casa. Pela voz de um cliente, são passadas em revista as incongruências arquitectónicas das casas lisboetas, desafiando-se numa métrica musical os estereótipos associados a cada um desses tipos de casas. O leitor/espectador é levado a rir das suas próprias fantasias, dos absurdos das suas escolhas, revendo-se no cliente que, por exemplo, transportado pela ideia romântica de viver numa casa bairrista, com azulejos na parede, tectos trabalhados e vasos nas varandas não se importa com o cheiro a mijó à porta, com a garagem inexistente, com o 5º andar sem elevador e com as baratas no *pladur*. Ou revendo-se na incoerente escolha de uma casa bidimensional, que, apesar de amorosa, de tão minúscula que é, quase não se cabe lá dentro. E, de repente, a problemática habitacional transforma-se numa paródia delirante sobre um encontro amoroso, onde cliente e agente imobiliário, na procura impaciente de empatias, desconversam, num diálogo de surdos. Ainda há tempo para o cliente se brindar com uma queda aparatosa e, ao se dirigir ao hospital mais próximo, ser atendido por um médico russo que não entende a língua portuguesa, ou para o súbito ataque psicótico do cliente que dispara e esfaqueia o agente imobiliário. Por fim, num epílogo surpreendente, a invasão extraterrestre do Planeta Zion K-Line que se prepara para acabar com a vida humana através de sodomia.

A história ora é contada em pequenos quadros (parte I), ora em diálogo (parte II) ora numa espécie de monólogo corrido (parte III), mas sempre em ritmo acelerado, correspondendo cada suspensão da palavra a uma mudança de quadro ou de cena. E se o ritmo utilizado é próprio do teatro da revista, já a temática e o modo como as palavras se jogam entre si relembram o teatro do absurdo.

¹ Publicado pelos Artistas Unidos / Cotovia em 2014.

>
*A porta fechou-se e a casa
era pequena,*
texto e enc. Ricardo
Neves-Neves,
Teatro do Eléctrico, 2010
(Vitor Oliveira e Ricardo
Neves-Neves),
fot. Raquel Albino.



O próprio tema das palavras, dessa complicada interacção, é, aliás, recorrente na peça:

Nunca uso a linguagem para nada de realmente importante. Para isso, sirvo-me puramente de tinidos, sustentados por uma intenção [...] Às vezes penso nas palavras e fico mal disposto. E quando penso nas combinações silábicas e nas palavras e nas várias combinações de palavras e assim já são expressões, às vezes complicadíssimas para os estrangeiros, e que têm o mesmo sentido, as várias, que têm um mesmo significado, nessas alturas sinto-me perdido. (p. 33)

Não é, na realidade, na temática da peça, nos seus absurdos e clichés, ou mesmo na sua inteligente ironia, que esta peça nos surpreende e cativa, pois o que fundamentalmente a torna única, inexplicavelmente encantadora, é o modo como as palavras se agregam, se conjugam, se atropelam, se repelam, numa brincadeira musical contínua, formando uma partitura irrepreensível. A referência à música não é ocasional. Ricardo Neves-

Neves teve doze anos de formação musical e essa influência é patente na sua escrita, no modo como transforma as palavras em autênticas notas musicais e a peça numa verdadeira orquestra de palavras.

Essa capacidade singular de procurar a música na palavra leva à construção de uma narrativa poética que, para além de divertir, delicia os ouvidos. As palavras escritas por Ricardo Neves-Neves nasceram para ser ditas, exigem, pela beleza da sua sonoridade, a expressão vocal. E mesmo quando são apenas lidas a sua força expressiva impõe-se, ressoando na nossa memória a sua sonoridade, como a excelente expressão "o antónimo de desiludido" (p. 13).

Poesia, música, ironia e inteligência numa peça original que decididamente se recomenda.